

ralizadamente aceita; opunha-se a ela o consenso das pessoas educadas. Portanto, tinha-se de tentar determinar se se tratava de um fato. Para isso, Gurney, Myers e Podmore decidiram coletar todos os possíveis casos de suposta telepatia, estivessem ou não sob a forma de aparições.

Claro, o peso da telepatia na sobrevivência, se na verdade se pudesse determinar sua existência, baseava-se no modo pelo qual eles achavam que ela devia operar, análogo ao envio de mensagens, no qual uma pessoa, que rotularam de agente, envia seu pensamento para outra, o receptor. Um exemplo de experiência que parecia revelar a telepatia operando desse modo foi o caso de uma mulher de Indianapolis, Indiana, que foi visitar a irmã em St. Louis. Ao voltar para casa, ela não conseguiu avisar ao marido o horário de sua chegada, e compreendeu que ele não estaria lá esperando o seu trem, que chegaria às duas da manhã. Tentou então alcançá-lo através da telepatia, concentrando-se sem parar no pensamento: "Espere o trem das 2h da manhã." Ele estava lá esperando-a. Disse-lhe que estava dormindo, mas acordara quando alguma coisa começara a repeter-lhe, sem parar, que fosse esperar o trem das 2h da manhã, de St. Louis.

Obviamente, num tal caso de telepatia, a transferência de pensamento parecia depender do envio ativo do agente. Parecia ser ele ou ela que iniciava a transferência. O receptor, em geral chamado de perceptivo (neste caso o marido), parecia ser mais ou menos passivo. Numa transferência dessas, portanto, as mensagens que parecem vir de uma pessoa morta ou agonizante seriam especialmente significativas, porque se ocorressem realmente isso significaria que a pessoa morta as enviara, e portanto, que seu espírito devia ter sobrevivido, embora o corpo tivesse morrido.

Seguia-se então, naturalmente, que todas as experiências telepáticas que se pudesse demonstrar, de modo autêntico, terem ocorrido, seriam tomadas como par-

ticulamente relacionadas tanto com a realidade da telepatia quanto da sobrevivência do espírito. Os pesquisadores, portanto, fizeram uma coleta de relatos de casos espontâneos que pareciam apresentar indícios de ter havido telepatia.

Esses casos pareciam encaixar-se naturalmente em dois grupos, dependendo de a impressão do perceptor ter-se "externalizado" ou não. As aparições, certamente, eram externalizadas, mas uns poucos casos de telepatia não eram. Ao contrário, consistiam apenas, talvez, de uma idéia, uma sensação ou uma emoção, que pareciam ter sido transferidas de uma pessoa a outra. Naturalmente, o grande interesse, tanto para a prova da telepatia como do indício relativo à questão da sobrevivência, concentrava-se nas aparições, nas impressões externalizadas de um ser humano, e basicamente sempre de alguém agonizante ou já morto.

Os casos aparicionais, que eles classificaram como alucinatórios, variavam um pouco no sentido da modalidade envolvida. Envolviam-se impressões auditivas e visuais, como nos casos em que alguém ouvia chamarem seu nome, muitas vezes uma voz reconhecível. Uma moderna alucinação auditiva ocorreu, por exemplo, a um homem de Nova Iorque. O pai vivia no País de Gales, e o filho foi despertado uma noite julgando ouvir o pai a chamá-lo pelo nome especial que lhe dava na infância, e que ninguém, além do pai, usava. O homem ficou muito alterado pela realidade da impressão, e mais ainda quando acabou sabendo que o pai havia morrido, dormindo, na noite em que o ouvira a chamá-lo.

Experiências auditivas como essa, porém, não eram tão impressionantes como aquelas em que se "via" o indivíduo agonizante ou morto. Por isso, deu-se maior ênfase às experiências visuais. As pessoas assim reconhecidas em geral pareciam trazer uma mensagem. Não importava, porém, se a pessoa "vista" era alguém co-

nhecido do observador. O efeito ainda podia ser considerado como relacionado tanto com a sobrevivência quanto com a telepatia, mesmo que se tratasse de um estranho — por exemplo, um fantasma visto numa casa mal-assombrada. Mesmo um caso moderno como o seguinte ainda era considerado como trazendo uma mensagem.

Uma mulher que olhava o marido consertando uma motocicleta comprada de segunda mão viu um rapaz entrar no quintal e parecer ficar também observando o trabalho de conserto. Mas quando ela pediu ao marido que o apresentasse, o rapaz desapareceu. Descobriu que o marido não o vira, embora ela o tivesse visto claramente e pudesse descrever sua aparência em detalhe. Ao procurarem saber, descobriram que a descrição se ajustava exatamente ao antigo dono da motocicleta. Descobriram também que ele morrera nela dois anos antes. A aparição podia ser interpretada como trazendo informação sobre ele.

Assim, a idéia geral de experiência aparicionial, nessa época, era de que o espírito de uma pessoa morta sobrevivera e podia tornar-se visível para os vivos. O significado dessas manifestações, contudo, dependia do fato de elas poderem ser consideradas como portadoras de informação. Em outras palavras, tinham um aspecto "verídico" ou de falar a verdade. A simples visão de uma figura que não tinha nenhuma ligação ou significado teria sido então, como agora, ignorada como uma provável criação da imaginação. Os casos que traziam mensagem, fosse de morte, de advertência, ou de informações necessárias a uma pessoa viva, tornavam as experiências aparicionais significativas para os estudiosos da questão da sobrevivência. A possível explicação sobre a comunicação dessa mensagem era de que só podia ser, aparentemente, uma impressão telepática da pessoa morta.

Teoria das Aparições de Tyrell

Após vários anos de trabalho dos membros da S. P. R., que só produziram referências dispersas à natureza das aparições, um deles, G. N. M. Tyrell, concentrou suas atenções no assunto. Em 1943, publicou um pequeno volume, *Aparições*, expondo uma teoria meio complicada sobre a origem delas. Embora o livro de Tyrell tenha sido publicado depois que se demonstrara a capacidade psi como um poder das pessoas vivas, e que se mostrara que a clarividência era uma capacidade quase tão provável quanto a telepatia, a ênfase, em particular na Inglaterra, continuou concentrando-se na telepatia. A possibilidade da ação mental da clarividência, onde qualquer das duas era possível, foi em grande parte ignorada.

A posição de Tyrell, porém, era uma melhoria em relação à dos autores de *Fantasmas dos Vivos*, em termos da análise em profundidade dos comunicados de aparições. Esse era seu principal objetivo, enquanto para os outros não passava de um aspecto incidental de sua pesquisa mais ampla. Ele estudou os casos que eles haviam comunicado, e outros que se haviam acumulado no intervalo de cinquenta anos ou mais. Mesmo assim, porém, eles haviam pelo menos observado alguns pontos que não se encaixavam na idéia aceita de que as aparições eram formas externalizadas de mensagens telepáticas, de agentes (agonizantes ou mortos) para perceptivos. Dois grandes obstáculos, por exemplo, eram as roupas e outros acessórios, às vezes observados nas figuras das aparições, e o fato de que, algumas vezes, mais de uma pessoa num grupo viam a mesma figura, cada uma de seu próprio ângulo de perspectiva.

A cuidadosa análise feita por Tyrell dessas aparentes anomalias levou-o a compreender que o perceptivo não era um receptor passivo de uma mensagem enviada pelo agente. Concluiu, ao contrário, que a figura vista era na verdade produção do